

## MOVIMENTOS DIASPÓRICOS NA OBRA DE MAYA ANGELOU

Cláudia Maria Fernandes Corrêa (USP)<sup>1</sup>

**RESUMO:** O trabalho consiste em analisar os movimentos diaspóricos da escritora-personagem Maya Angelou dentro da obra *I Know Why The Caged Bird Sings* (1993[1970]). Tomamos as múltiplas viagens empreendidas por Angelou dentro desses espaços de conflito e “morte interior” como metáfora da busca por pertencimento em que também perpassa a busca pela identidade. Nosso interesse recai, portanto, na conformação dessas viagens e como, dentro desses espaços de conflito, a identidade, o pertencimento e a auto-afirmação são negociados.

**Palavras-chave:** MAYA ANGELOU; DESLOCAMENTO; IDENTIDADE; DIÁSPORA.

### I

Ir e vir, ficar e sair. Esses são alguns dos conceitos aplicados às viagens da escritora afro-americana Maya Angelou ao longo de sua vida. Negociar e contestar forças canônicas foi uma ação constante na vida da autora com o intuito de desenraizar e re-enraizar-se em outros lugares sempre à procura de sua identidade. As múltiplas viagens por ela empreendidas são metáforas da busca por pertencimento na tentativa frenética de “ficar” em algum lugar.

No artigo em questão, usaremos conceitos acerca da diáspora, do “lar”, de “espaços diaspóricos” propostos por Brah (1996) e Clifford (1997) para compreendermos como, através desses múltiplos espaços de conflitos, Angelou tenta fixar raízes e construir sua identidade de mulher e negra dentro de sua primeira obra autobiográfica *I Know Why the Caged Bird Sings* (1993 [1970]).

Segundo Brah (1996), o termo *diáspora* é formado por duas palavras de origem grega: *dia*, que significa “através” e *speirein*, “dispersão” de algum lugar. O termo então faz referência, segundo ela, à noção de centro e evoca imagens de múltiplas viagens empreendidas pelo sujeito diaspórico.

A palavra diáspora foi utilizada primeiramente para designar a dispersão dos Judeus após o exílio Babilônico, o que inscreveu a diáspora judaica no imaginário Ocidental como uma diáspora *par excellence*, ou seja, uma diáspora que conformava o tipo ideal como postulou Safran

*1) they or their ancestors, have been dispersed from a specific original “center” to two or more “peripheral” or foreign regions; 2) they retain a collective memory, vision, or myth about their original homeland – its physical location, history, and achievements; 3) they believe that they are not – and perhaps cannot be – fully accepted by*

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo – Departamento de Letras Modernas - Área de Concentração: Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês.  
E-mail: claucorre@terra.com.br

*their host society and therefore feel partly alienated and insulated from it; 4) they regard their ancestral homeland as their true, ideal home and as the place to which they or their descendants would (or should) eventually return – when conditions are appropriate; 5) they believe that they should, collectively, be committed to the maintenance or restoration of their original homeland and to its safety and prosperity; and 6) they continue to relate, personally or vicariously, to that homeland in one way or another, and their ethnocommunal consciousness and solidarity are importantly defined by the existence of such a relationship<sup>2</sup> [...] (1999, p. 83-84)*

Contudo, Brah trata as diásporas como um ponto de partida e não como modelos ideais por conformarem certos parâmetros pré-estabelecidos.

Como dissemos anteriormente, a imagem de uma jornada está associada à diáspora, mas nem todas as jornadas podem ser consideradas diásporas. Os deslocamentos diaspóricos devem ser historicizados e também possuem uma relação direta com o desenraizamento e re-enraizamento em outro lugar uma vez que, como pondera Brah

*Diasporas are clearly not the same as casual travel. Nor do they normatively refer to temporary sojourns [...] diasporic journeys are essentially about settling down, about putting roots 'elsewhere' [...] The question is not simply about who travels but when, how, and under what circumstances". (1996, p. 182)*

Dentro desse cenário, a obra *I Know Why the Caged Bird Sings* (1993[1970]), de Maya Angelou, traz alguns movimentos diaspóricos da autora-personagem. Ao longo de sua obra, a autora empreende viagens impostas e voluntárias, que tomamos como metáfora da busca por um “lugar” ao qual possa pertencer. Todas as viagens e experiências vividas somam-se para alicerçar sua identidade. Nem todos os espaços diaspóricos são harmoniosos. Em alguns deles, Angelou é envolta por conflitos, incertezas e também pela “morte” da antiga identidade conhecida bem como sua inocência.

Angelou inicia sua narrativa com a frase “*What you looking at me for? I didn't come to stay...*”<sup>3</sup> (ANGELOU, 1993, p.1) e esse será o escudo que a acompanhará por muitos anos até que ela encontre um lugar onde ela ficará e se estabelecerá ainda que temporariamente. Contudo, observamos que em muitos desses espaços diaspóricos, Angelou não é “incorporada” à comunidade local integralmente.

A primeira viagem empreendida por Angelou acontece após o divórcio dos pais quando a autora-personagem e seu irmão são enviados sozinhos, de trem, da Califórnia à Stamps, em Arkansas, para viverem com sua avó paterna. Aos três anos, o ato de cruzar múltiplas fronteiras já coloca Angelou numa posição de marginalização pela comunidade negra de Stamps. Em princípio, ela e o irmão são olhados com

---

<sup>2</sup> 1) eles ou seus ancestrais foram dispersos de um “centro” original específico para duas ou mais regiões “periféricas” ou estrangeiras; 2) eles retêm uma memória coletiva, visão ou mito acerca de sua terra natal – sua localização física, história e conquistas; 3) eles acreditam que eles não são – e talvez nunca possam ser – totalmente aceitos por sua sociedade hospedeira e, portanto, sentem-se parcialmente alienados e isolados dela; 4) eles consideram sua terra natal ancestral seu lar verdadeiro e ideal, sendo esse o lugar para onde eles ou seus descendentes retornariam (ou deveriam retornar) eventualmente quando as condições fossem apropriadas; 5) eles acreditam que deveriam, coletivamente estar comprometidos com a manutenção e/ou restauração de sua terra natal bem como sua segurança e prosperidade e 6) eles continuam a se relacionar pessoalmente ou indiretamente àquela terra natal de uma forma ou outra e sua consciência étno-comunal e solidariedade são definidas pela existência de tal relação. (Deste ponto em diante, todas as traduções de citações originais do texto são de nossa autoria).

<sup>3</sup> “O que você está olhando? Eu não vim aqui para ficar...”

desconfiança, mas após algum tempo, e após a constatação que eles eram “inofensivos” a ordem da comunidade, os dois são acolhidos “*Warmly, but not too familiarly*”<sup>4</sup> (ANGELOU, 1993, p. 6). Mesmo dentro da comunidade negra, há binarismos entre os negros uma vez que, aqueles que estão “dentro” da comunidade, se consideram mais pertencedores ao lugar do que aqueles vindos de fora. Isso exemplifica como os diferentes níveis de racismos não são simples racismos paralelos, mas modalidades interseccionadas de diferentes racializações, o que marca a posição dos diversos sujeitos dentro do campo de poder. A localização dentro do espaço diaspórico, portanto, segue certos níveis de hierarquia que Angelou tenta, ao longo de sua estadia, compreender e respeitar.

Dentro da diáspora, há a questão do “lar” que é tido como um lugar mítico, um lugar para onde não haverá retorno mesmo que exista a possibilidade de visita ao território considerado “terra de origem”. Por outro lado, aponta Brah, o “lar” também é a experiência vivida e sentida, a experiência de horror, sofrimento e prazer. O “lar”, portanto, é um lugar constituído discursivamente de acordo com o processo de inclusão e exclusão que a comunidade de chegada aplica ao “Outro” que ali tenta se estabelecer.

Portanto, verificamos que Angelou não possui a imagem de um “lar”. A segunda viagem feita por Angelou, de Stamps para *Saint Louis* onde vai viver com a mãe, não traz a ela a sensação de conforto e de um “lar”, um lugar para onde voltar. Como ela mesma afirma “*I had decided that Saint Louis was a foreign country. I would never get used to the scurrying sounds of flushing toilets [...] I carried the same shield I had used in Stamps: ‘I didn’t come to stay’*”<sup>5</sup>. (ANGELOU, 1993, p. 70). Além disso, esse será o espaço onde ocorrerá a “morte” de Angelou. Em *Saint Louis* ela é violentada aos oito anos pelo padrasto na casa de sua mãe. Como já mencionado, os espaços diaspóricos podem ser lugares de conflitos, incertezas e morte, ou ainda, podem ser lugares de insegurança e terror. Nesse espaço, as relações de poder bem como a posição do sujeito diaspórico são contestadas como explica Brah:

*Diaspora space is the intersectionality of diaspora, border, and dis/location as a point of confluence of economic, political, cultural, and psychic processes. It is where multiple subject positions are juxtaposed, contested, proclaimed or disavowed; where the permitted and the prohibited perpetually interrogate; and where the accepted and the transgressive imperceptibly mingle even while these syncretic forms may be disclaimed in the name of purity and tradition [...] Diaspora space is the point at which boundaries of inclusion and exclusion of belonging and otherness, of ‘us’ and ‘them’, are contested*<sup>6</sup> (1996, 208-209).

Nesse espaço onde todas as posições são questionadas, ocorre, no caso de Angelou, o ato de violência. A “menina Angelou” morre internamente ao ser

<sup>4</sup> Calorosamente mas não muito familiarmente.

<sup>5</sup> Eu havia decidido que Saint Louis era um país estrangeiro. Eu nunca me acostumaria aos sons apressados das descargas [...] Eu carregava o mesmo escudo que eu havia usado em Stamps: “Eu não vim aqui para ficar”.

<sup>6</sup> Espaço diaspórico é a intersecção entre a diáspora, a fronteira e des/localização, como um ponto de confluência dos processos econômico, político, cultural e psíquico. É onde múltiplas posições de sujeito são justapostas, contestadas, proclamadas ou negadas; onde o permitido e o proibido interrogam-se perpetuamente e onde o aceitável e o transgressivo imperceptivelmente misturam-se, mesmo quando essas formas sincréticas possam não ser admitidas, em nome da pureza ou tradição [...] O espaço diaspórico é o ponto onde fronteiras de inclusão e exclusão, de pertencimento ou estranhamento, do “nós” e “eles” são contestadas.

violentada aos oito anos por seu padrasto e também suas palavras, uma vez que, após o ato de barbárie, ela recusa-se a falar com qualquer pessoa salvo seu irmão. Esse ato reflete o seu não-pertencimento a um lugar e também a exclusão levada ao extremo: não é apenas a exclusão física, há também a imposição do poder daquele que é o “nativo” sob o “Outro”. Fisicamente, Angelou levará consigo a marca da exclusão e da imposição do poder em seu corpo.

Mesmo sem possuir a memória de um lar para onde pudesse voltar, Angelou retorna a Stamps após a violência sofrida. O elo entre o local de “origem” foi forte o suficiente para resistir ao apagamento. Segundo ela

*the barrenness of Stamps was exactly what I wanted, without will or consciousness. After St. Louis, with its noise and activity, its trucks and buses, and loud family gatherings, I welcomed the obscure lares and lonely bungalows set back in dirt yards. The resignation of its inhabitants encouraged me to relax [...] Entering Stamps, I had the feeling that I was stepping over the border lines of the map and would fall, without fear, right off the end of the world. Nothing more could happen, for in Stamps nothing happened<sup>7</sup>. (ANGELOU, 1993, p. 89)*

A consciência diaspórica de Angelou foi constituída tanto negativamente quanto positivamente. Negativamente, pela experiência de negação e exclusão e positivamente por uma forma de solidariedade que levou a novas coalizões com a comunidade negra de Stamps que a recebeu e acolheu sem questionamentos ou julgamentos após o estupro por ela sofrido. O gênero também é outro elemento que marca as experiências diaspóricas e, no caso das mulheres essas

*experiences are particularly revealing. Do diaspora experiences reinforce or loosen gender subordination? On the one hand, maintaining connections with the homelands, with kinship networks, and with religious and cultural traditions may renew patriarchal structures. On the other, new roles and demands, new political spaces, are opened by diaspora interactions [...] Life for women in diasporic situations can be doubly painful – struggling with the material and spiritual insecurities of exile, with the demands of family and work and with the claims of old and new patriarchies (CLIFFORD, 1997, p. 259)*

São Francisco é um novo espaço onde Angelou aprende a contestar os cânones e a “ocupar espaços” (ANGELOU, 1993). Ao aprender como ocupar esses espaços ela, conseqüentemente, começa a contestar certos patriarcados. Um exemplo é sua determinação em conseguir um emprego como condutora de bondes quando nenhuma outra mulher — ou mulher negra — havia conseguido. Após inúmeras idas e vindas ao escritório, um dia, subitamente, Angelou é chamada para preencher os formulários necessários e é admitida na empresa vindo a ser a primeira mulher negra condutora de bondes.

No espaço diaspórico, que viria a se tornar seu “lar” mais estável, Angelou mantém valores transmitidos a ela pela avó: a religiosidade, a ancestralidade e a persistência ante as adversidades da vida. Acreditamos que em São Francisco, Angelou

---

<sup>7</sup> a infertilidade de Stamps era exatamente o que eu queria, sem saber ou ter consciência disso. Após St. Louis, com seu barulho e atividade, seus caminhões e ônibus e barulhentos encontros familiares, eu acolhi as casas obscuras e bangalôs solitários em quintais sujos. A resignação de seus habitantes me encorajava a relaxar [...] Ao entrar em Stamps, eu tive a sensação de estar pisando fora das linhas de fronteira do mapa e que eu iria cair, sem medo, bem no fim do mundo. Nada mais poderia acontecer pois, em Stamps, nada acontecia.

consegue se re-enraizar e firmar raízes fortes o bastante para contestar o patriarcado e continuar seu processo de construção identitária.

Deste modo, Angelou encontra, pela primeira vez, seu lugar quando se muda para São Francisco. Neste novo lugar, há a sensação de pertencimento como a própria Angelou afirma:

*The air of collective displacement, the impermanence of life in wartime and the gauche personalities of the more recent arrivals tended to dissipate my own sense of not belonging. In San Francisco, for the first time, I perceived myself as part of something*<sup>8</sup>  
(ANGELOU, 1993, 211).

Tal exemplo ilustra como as mulheres na diáspora são tomadas por esse duplo dilema: lutar para “ocupar espaços” dentro do espaço diaspórico ao mesmo tempo em que o pertencimento no território diaspórico é contestado. A identidade de Angelou se estrutura contra a assimilação, o que constrói uma identidade de resistência que pode ser definida como “a identidade-projeto: quando os atores sociais, com base no material cultural a sua disposição, constroem uma nova identidade que redefine sua posição na sociedade e, conseqüentemente, se propõem a transformar o conjunto da estrutura social” (MUNANGA, 2002, p. 64).

O dilema imposto pelas fronteiras e barreiras dentro dos espaços diaspóricos vai além da construção da identidade: ele implica uma constante transformação da identidade de forma que ela se alicerce para resistir as diversas investidas dos “nativos” e do próprio sistema hegemônico contra os “outros”, ou seja, contra aqueles recém-chegados.

Não obstante, a construção dessa identidade somente é possível dentro dos contextos e, no caso das minorias como é o caso de Angelou, ela se articulará pelo seu posicionamento o que resultará, como afirma CUCHE (2002) em “efeitos sociais reais”. No caso de Angelou, é a própria autora-personagem que contribui para sua significação dentro dos espaços diaspóricos. Dentre seus múltiplos movimentos diaspóricos, a identidade que ela construiu não é única, mas variante dentro dos diversos contextos em que a autora habita ao longo de sua jornada. O objetivo primordial era desconstruir a “identidade negativa” naquilo que a própria Angelou chama de “*principle of reverse*”. Como ela mesma afirma, esse princípio possui dois lados visto que ele “*works against [but] you can also work for you once you understand*”<sup>9</sup> (1993, p. 221) o que funcionou como uma inversão da significação da “mulher negra” dentro da sociedade segregacionista branca.

Reapropriar-se de espaços fronteiriços ou contestar o patriarcado como fez Angelou em São Francisco também pode ser considerado uma forma de (re)afirmação simbólica da construção identitária uma vez que

todo o esforço das minorias consiste em se reapropriar dos meios de definir sua identidade, segundo seus próprios critérios, e não apenas em se reapropriar de uma identidade, em muitos casos, concedida pelo grupo dominante [...] a revolta contra a estigmatização se traduzirá pela revolta do estigma [...] Em um segundo momento, o esforço consiste em impor uma definição tão autônoma quanto possível de identidade (CUCHE, 2002, p. 190-191).

<sup>8</sup> O ar de deslocamento coletivo, a impermanência da vida em tempos de guerra e as personalidades estranhas dos recém-chegados tendiam a dissipar meu próprio senso de não-pertencimento. Em São Francisco, pela primeira vez, eu me percebi como parte de alguma coisa.

<sup>9</sup> funciona contra você mas também pode funcionar a seu favor uma vez que você compreenda-o.

Essa idéia é semelhante àquela de Costa (2006) ao afirmar que “a subversão está relacionada com o deslizamento do sentido dos signos” que faz desta uma ação intervencionista do sujeito dentro de sua área de influência. Logo, o que se instaura é um processo de agência não individual, mas coletiva levada a cabo por Angelou em seus movimentos diaspóricos. O que emerge é uma representante de uma “raça” que se torna porta-voz do processo de reinserção e negociação, do processo de agência.

Como sintetiza Costa (2006), “seu efeito transformador está relacionado com a abertura de possibilidades de construção de novos sentidos [...] o deslocamento espacial [...] hibridiza, potencialmente, os contextos de significação, introduzindo a incerteza, a ambivalência, o ruído” (up. 100-101) e a sensação de algo incômodo que não pode mais ser ignorado, restando apenas permitir a entrada do “Outro” no espaço que também lhe pertence, pois o hibridismo comprime a idéia de existir para “nós” através do “Outro”.

## **Conclusão**

Contestar as fronteiras e adentrar espaços proibidos marcaram a vida de Angelou. Ao longo de sua obra, pode-se perceber sua luta não apenas contra as forças externas, mas também uma batalha interior é travada para que a autora-personagem tenha forças para adentrar nesses espaços, superando assim seu status de “pássaro aprisionado na gaiola”.

Logo, a autobiografia de Angelou se apresenta como importante relato sobre narrativas e seus significados ao mostrar como diversos lugares podem ser ambivalentes ao serem seguros e inseguros, acolhedores e negativos e todas essas narrativas constituem a trajetória não apenas da autora-personagem Angelou, mas também tornam-se o retrato de outros afro-descendentes que, assim como Angelou, ousaram ultrapassar as limitações a eles impostas.

## **Referências Bibliográficas**

- [1] ANGELOU, Maya. *I Know Why the Caged Bird Sings*. New York: Bantam Books, 1993 [1970].
- [2] BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. London & New York: Routledge, 1996. (Chapters 8 and 9), pp. 178-248.
- [3] CLIFFORD, James. “Diasporas”. In: \_\_\_\_\_. *Routes, Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge, Mass & London: Harvard University Press, 1997, pp. 243-277
- [4] COSTA, Sérgio. *Dois Atlânticos: Teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- [5] CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. (Tradução de Viviane Ribeiro). Bauru: EDUSC, 2002.

[6] MUNANGA, Kabengele. Construção da identidade negra no contexto da globalização. In: OLIVEIRA, Iolanda de (Org.). *Relações raciais e educação: temas contemporâneos*. Niterói: EDUFF, 2002.

[7] SAFRAN, William. “Diasporas in Modern Societies: Myths of Homeland and Return”. In: VERTOVEC & COHEN, Robin (Editors). *Migration, Diasporas and Transnationalism*. UK & USA: Edward Elgar Publishing Ltd, 1999.